

ESTILOS EDUCATIVOS PARENTAIS, BEM-ESTAR EMOCIONAL E AUTOESTIMA EM CRIANÇAS E ADOLESCENTES

Emília Martins⁹

Rosina Fernandes¹⁰

Cristina Ferreira²⁷

Francisco Mendes²⁷

Resumo

A qualidade dos cuidados parentais assume-se crucial no desenvolvimento emocional infantil. Realizou-se um estudo exploratório da relação entre estilos educativos parentais (rejeição, suporte emocional e controlo) e dimensões da QV (bem-estar emocional e autoestima), numa amostra de conveniência de 30 crianças/adolescentes. Dados recolhidos com o KID e KIDDO-KINDL e o EMBU-A e C e tratados no SPSS 27 permitem destacar, na subamostra crianças: rejeição negativamente correlacionada com a autoestima ($r_s = -.582$, $p = .011$ pai e $r_s = -.509$, $p = .026$ mãe) e bem-estar emocional ($r_s = -.597$, $p = .009$ pai e $r_s = -.715$, $p = .001$ mãe); impacto negativo da rejeição na QV ($r_s = -.688$, $p = .002$ pai e $r_s = -.806$, $p = .000$ mãe), esta última correlacionada com o suporte emocional ($r_s = .480$, $p = .044$ pai e $r_s = .611$, $p = .005$ mãe). Programas de Educação Parental assumem relevo.

Palavras-chave: estilos parentais; bem-estar emocional; autoestima; crianças/adolescentes.

⁹Técnica Superior de Educação Social, Portugal.

¹⁰ Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Viseu e CI&DEI, Portugal.

Introdução

A qualidade dos cuidados parentais tem um papel fundamental no desenvolvimento da criança (Ulferts, 2020). Entre as tarefas que compõem a função parental, educar os filhos é, provavelmente, a mais complexa. O processo educativo apoia-se em determinados valores que pais e mães adotam e assumem. Ao conjunto de estratégias que utilizam para alcançarem o que desejam para os seus filhos, denomina-se práticas educativas parentais (Bem & Wagner, 2006; Gaspar & Matos, 2017). Todavia, apesar da preocupação crescente com as funções parentais, cada vez mais assistimos a receios de pais/mães sobre o risco de errar no exercício da função de educar (Kamers, 2006). Os estilos educativos parentais (EEP) são determinantes na vida e desenvolvimento das crianças, pois podem ser importantes preditores do comportamento ao longo do crescimento até à idade adulta e, futuramente, enquanto pais/mães (Soares, 2012). Apresentam, por isso, uma relação estreita com muitas outras variáveis do comportamento humano, onde se inclui e destaca o impacto na qualidade de vida (QV), um constructo complexo que inclui o bem-estar físico, emocional, autoestima, relação com amigos, família e escola (Cai et al., 2021).

Neste estudo pretendeu-se explorar a relação entre estilos educativos parentais (rejeição, suporte emocional e controlo – do pai e da mãe) e dimensões da QV (bem-estar emocional e autoestima), em crianças/adolescentes. Partiu-se do pressuposto, evidenciado na literatura, de que a qualidade dos cuidados parentais assume um papel fundamental no desenvolvimento emocional da criança (Bee, 2017; Garcia & Santiago, 2017). A confirmar-se, espera-se evidenciar a importância da educação para a parentalidade, bem como a necessidade de promover a formação de técnicos na implementação dos programas de Educação Parental já existentes e aferidos para a população portuguesa (Marques et al., 2017).

O enquadramento inicial da temática serve de suporte ao estudo a apresentar, bem como à discussão dos resultados e implicações decorrentes. As conclusões respeitarão a prudência necessária face às limitações identificadas.

Estilos e práticas parentais

A família tem um papel essencial no desenvolvimento da criança, nomeadamente no âmbito da transmissão de valores, crenças e princípios, estabelecendo ainda normas e regras de comportamento, em paralelo com diferentes subsistemas a quem estão reservadas funções específicas, todas vitais para o seu desenvolvimento. Segundo Pannilage (2017), é a primeira

instituição social no assegurar do bem-estar e proteção dos seus membros. O subsistema parental, com origem no nascimento dos filhos, desempenha funções educativas, de proteção, de socialização e desenvolvimento das gerações mais novas; tarefa guiada pelos valores e costumes do contexto sócio-histórico-cultural de pertença, determinantes nas imagens da criança ideal e influenciadores dos objetivos da educação (Estlein & Theiss, 2020). Educar uma criança é uma tarefa difícil e desafiante. Ferrari (2015) refere que pais/mães têm um papel crucial na educação dos seus filhos, enquanto responsáveis por legitimar ou excluir conhecimentos e valores adquiridos pelas crianças. Aliás, papel este plasmado no artigo 18º da Convenção dos Direitos da Criança, ratificada por Portugal em 1990, em que a responsabilidade de educar a criança e assegurar o seu desenvolvimento cabe principalmente aos pais/mães, devendo o Estado ajudá-los a exercer esta responsabilidade.

Os pais/mães assumem diferentes estilos na educação dos filhos. Guerreiro (2013, p.51) define estilo educativo parental como “o conjunto de valores e atitudes dos pais em relação aos seus filhos, no qual estão implicadas as práticas parentais”, ou seja, as estratégias utilizadas pelas figuras parentais para incentivar ou suprimir comportamentos do filho, onde se incluem o tom de voz, a linguagem corporal e expressões espontâneas. A preocupação com as práticas parentais decorre da consciência das possíveis consequências psicológicas dos métodos usados na educação de uma criança (Kuppens & Ceulemans, 2019). A literatura tem intensificado a preocupação em estudar formas mais adequadas de pais/mães se relacionarem e educarem os seus filhos (Farzand et al., 2017; National Academies of Sciences, Engineering & Medicine, 2016; Weber et al., 2004). Com efeito, trata-se do estudo dos estilos educativos parentais, focado nos comportamentos dos pais/mães que criam um clima emocional em que se expressam as interações pais/mães-filhos, tendo como base a sua influência em aspetos comportamentais, emocionais e intelectuais dos filhos.

Baumrind, em 1966, num estudo longitudinal com crianças, identificou três principais estilos educativos parentais: (1) autoritário - pais/mães exigentes, duros e rígidos, que valorizam uma obediência absoluta, recorrendo a medidas punitivas, para que a criança se comporte e aceite o que eles entendem por correto; (2) permissivo – pais/mães que evitam o uso do poder, fazem poucas exigências a nível da responsabilidade e comportamento da criança, permitindo-lhe regular as suas próprias atividades, sendo vistos como recurso para satisfazer os desejos da criança, agem de forma não punitiva e não servem como modelo a imitar; e (3) autoritativo ou democrático – pais/mães que valorizam a obediência, mas também a autonomia, exercendo um controlo consistente perante divergências e conflitos, sem recurso a restrições excessivas, aplicam e explicam regras, sempre reconhecendo o interesse da criança. Mais tarde, Maccobi e Martin (1983)

subdividiram o estilo educativo permissivo, em negligente e indulgente. No primeiro, os pais/mães estão centrados nos seus próprios interesses, demonstram escasso envolvimento com a tarefa de socialização do filho e tendem a responder apenas às suas necessidades básicas. Segundo Guerreiro (2013), refere-se a uma ausência de supervisão e interesse por parte dos pais/mães em relação à vida do filho, sem exigência de responsabilidade nem encorajamento à independência. No segundo, os pais/mães não estabelecem regras nem limites, sendo extremamente tolerantes e permitindo que a criança comande o seu comportamento. São afetivos e comunicativos, mas satisfazem apenas as vontades da criança. Na perspetiva de Weber et al. (2004), as famílias negligentes são englobadas no estudo sobre estilos educativos parentais, contudo destaca-se a diferença entre estilo negligente e negligência abusiva, constituindo esta última uma forma de maltrato referente à “privação crónica da satisfação das necessidades básicas de higiene, alimentação, afeto, educação, saúde e vigilância da criança, que pode pôr em causa o crescimento e o desenvolvimento normais” (Rodrigues, 2008, p. 35).

Risco e proteção nas práticas parentais

A família pode ser vista tanto como fator de risco como de proteção. É considerada fator de risco quando, entre outros aspetos, é disfuncional, com ausência de suporte sócio - familiar, relações conflituosas, ou disciplina demasiado rígida e autoritária (Al Ubaidi, 2017). A evidência científica (Fallon et al., 2018; The Alliance for Child Protection in Humanitarian Action, 2021), destaca as boas competências parentais, a boa rede de suporte familiar e social e a organização familiar (com regras e controlo da criança), como fatores protetores, na medida em que apoiam e favorecem o desenvolvimento individual e social e podem remover ou minorar o impacto dos fatores de risco. Nesse sentido, o estilo educativo autoritativo/democrático revela-se como o mais benéfico para o desenvolvimento social, intelectual, moral e emocional da criança, associado a níveis mais elevados de maturidade, assertividade, autonomia e responsabilidade social, bem como maior sucesso escolar e social (Granja & Mota, 2018).

Vafaeenejad et al. (2019) referenciam que as práticas parentais, na medida em que refletem conceções pessoais acerca da criança e dos aspetos relativos à sua educação e desenvolvimento, são determinadas por vários fatores. Ulferts (2020) acrescenta que as famílias em risco psicossocial se encontram economicamente mais vulneráveis, frequentemente com poucas competências parentais associadas a oportunidades condicionadas. Porém, não circunscreve à vulnerabilidade económica o desempenho das funções parentais que podem desencadear práticas parentais de risco, destacando-se ainda o *stress*, isolamento social, baixo nível

de instrução, baixa autoestima, falta de autocontrolo, entre outros. Hoffman, já em 1975, propõe duas categorias de práticas parentais: as indutivas e as coercivas. As primeiras caracterizam-se pela indicação à criança das consequências do seu comportamento, favorecendo a interiorização de padrões morais e a compreensão dos motivos que justificam a necessidade de mudança de comportamento. Por sua vez, as segundas apelam à punição física, às ameaças, à privação de afetos e impedem a criança de compreender as implicações do seu comportamento, baseando-se num controlo sancionado. Posteriormente, em 2003, Ceballos e Rodrigo apresentam quatro estilos de práticas parentais de risco: (1) a disciplina incoerente, onde os pais/mães assumem uma pauta inconsistente nas intervenções educativas, demonstrando falta de consistência nas atuações, com desacordo entre os progenitores que cedem muito facilmente às pressões e alteram de forma imprevisível as suas expectativas e reações, premiando assim comportamentos desajustados; (2) a disciplina colérica ou explosiva, que utiliza estratégias punitivas (bater, ameaçar e gritar), levando a criança a responder de modo desafiante ou atacante e constatando-se a presença de episódios conflituosos entre pais/mães e filhos, onde aqueles utilizam o castigo e as humilhações (ex. maus tratos infantis), com implicações negativas sérias nos vários níveis de funcionamento do indivíduo (social, emocional, comportamental e cognitivo); (3) a disciplina com pouca implicação e supervisão, que se refere a pais/mães sem preocupação com a educação dos filhos, nem interesse em controlar e supervisionar as suas tarefas, desconhecendo assim o tipo de atividades que executam, o grupo de amigos ou o desempenho escolar; e, finalmente, (4) a disciplina rígida e inflexível, que está associada a estratégias desajustadas à idade, estilo de comportamento ou tipo de problema implicado na situação do conflito, sem recurso à negociação, havendo um ajustamento de intensidade da disciplina à gravidade do comportamento.

É relevante lembrar que na Convenção sobre os Direitos da Criança, ratificada por Portugal em 1990, está reconhecido, no artigo 27, que a criança tem direito a um nível de vida adequado ao seu desenvolvimento físico, mental, espiritual, moral e social. Gaspar e Matos (2008) referem que identificar crianças em risco de um nível baixo de bem-estar é, principalmente, importante para os mais novos, uma vez que as crianças são frequentemente incapazes de se proteger de condições de vida desfavoráveis. Deste modo, a avaliação da qualidade de vida nas crianças e adolescentes é fundamental para identificar grupos que estão em risco.

Variáveis sociodemográficas e estilos parentais

A complexidade dos estilos educativos e práticas parentais tem sido, igualmente, explorada pela investigação, ao nível de eventuais influências de variáveis diversas, para além das

socioeconómicas já referidas, como é o caso das de natureza sociodemográfica (idade, género dos filhos, ordem na fratria, entre outras) (Hadjicharalambous & Demetriou, 2020).

Apesar de nem sempre existir uma relação entre o género da criança e os estilos educativos parentais, alguns fatores podem promover diferenças significativas nos estilos parentais em função do género, como por exemplo, o tipo de relação que as meninas e os meninos têm com a mãe ou com o pai, o progenitor de maior identificação, as expectativas que pais/mães têm face ao sexo do seu bebé e a comunicação que é estabelecida entre ambos (Sampaio, 2007; Vyas & Bano, 2016). De acordo com Gomes (2010), as mulheres autopercecionam-se como mais permissivas relativamente aos homens, enquanto estes percecionam as mulheres como mais autoritativas. Com efeito, no que se refere ao género das figuras parentais como preditor dos estilos parentais adotados, pelo pai e pela mãe, estudos (Garcia & Guzman, 2017) apontam alguma consistência que decorre de expectativas sociais relacionadas com os papéis de género (ex. mãe mais carinhosas e pais mais disciplinadores, o que se traduz em mães com estilo indulgente e pais com estilo autoritário ou autoritativo como mais prevalentes em lares mais tradicionais). Contudo, segundo estes autores, verificam-se especificidades de natureza cultural que merecem atenção, atendendo a que a parentalidade não decorre apenas de papéis de género, mas de fatores que ultrapassam a díade pais/mães-filhos e marido-mulher.

No que respeita à idade, alguns estudos demonstram que as crianças mais velhas são sujeitas a mais tarefas promotoras de autonomia e a menos práticas punitivas (Benedetto & Ingrassia, 2017). No mesmo sentido, Soares e Almeida (2011) relatam um estudo de De Goede et al., em 2009, em que os dados revelaram que, no decorrer da adolescência, a relação pais/mães-filhos se torna mais igualitária, percecionando-se um menor controlo e autoridade parental. De acordo com os autores, também a perceção do suporte parental por parte dos jovens parece sofrer a influência da idade.

Grigorenko e Sternberg (2000, cit. por Arsénio, 2012) e, mais tarde, Bastaits et al. (2014) verificaram que homens divorciados, comparativamente aos casados, adotam com mais frequência estilos parentais do tipo negligente e permissivo. Verificaram, também, que os pais/mães coabitantes não casados, não são tão supervisores dos filhos como os casados, por isso, são menos autoritários, apresentando um estilo parental mais permissivo e negligente. Gomes (2010) conclui que os pais/mães divorciados/separados avaliam mais o outro como autoritário e apresentam mais o estilo autoritário do que os pais/mães casados, enquanto estes últimos avaliam mais o outro como autoritativo. Anderson (2014) aponta que crianças que nascem em famílias de pais/mães casados têm menos probabilidade de experienciar situações de instabilidade familiar,

em relação às que nascem em famílias de pais/mães não casados. Todavia, constata-se a necessidade de robustecer estas evidências a partir de estudos de revisão e revisão sistemática, com recurso a meta-análise, ainda lacunares na literatura.

A escolaridade também se apresenta como variável de relevo neste âmbito. Gomes (2010) conclui que pais/mães com nível de escolaridade inferior (7-9 anos de estudo) mostram-se menos autoritativos e avaliam o estilo parental do outro como mais autoritário, do que os pais/mães com um nível de escolaridade superior.

Papel da educação parental na mudança de comportamentos parentais

A associação entre estilos e modelos educativos parentais e o desenvolvimento infantil legítima e reforça a importância da intervenção junto dos pais/mães ou cuidadores para promoção das competências parentais (Ulferts, 2020). O progressivo interesse/preocupação com o valor e desenvolvimento das crianças tem-se alargado a vítimas de maus-tratos ou discriminações, com necessidades educativas especiais, institucionalizadas, etc. (Reis, 2009). O caso do maltrato infantil assume um papel decisivo no âmbito da proteção à infância, constituindo por isso uma preocupação social. A maioria das intervenções propostas (Comissão Nacional de Promoção dos Direitos e Proteção das Crianças e Jovens, 2022) assenta no apoio familiar e parental, no pressuposto de que mudanças na parentalidade poderão atenuar os motivos na base desta preocupação. Com efeito, os programas de educação parental têm assumido importância na capacitação de pais/mães, através da promoção de estratégias parentais positivas (Spruijt et al., 2019). Em última análise, o apoio prestado aos pais, através destes programas de intervenção ou aconselhamento, tem como objetivo responder às necessidades específicas da educação, promoção do bem-estar e desenvolvimento das crianças e dos jovens (Child Welfare Information Gateway, 2019; Lima et al., 2010). O corolário deste reconhecimento vê-se plasmado no nº 1 do artigo 41º da Lei de Proteção de Crianças e Jovens em Perigo, Lei 142/ 2015, de 8 de setembro, segunda alteração à Lei n.º 147/ 99, de 1 de setembro, “Quando sejam aplicadas as medidas previstas nos artigos 39º e 40º, os pais ou os familiares a quem a criança ou o jovem sejam entregues podem beneficiar de um programa de formação visando o melhor exercício das funções parentais”.

Parentalidade, qualidade de vida e bem-estar

Como vimos, a parentalidade está ligada à experiência de se tornar pai/mãe e refere-se aos papéis e funções parentais (Levesque et al., 2020), tratando-se do conjunto de tarefas que os pais/mães executam para facilitar o desenvolvimento dos seus filhos a nível físico, psicológico e social (Soenens et al., 2017). Refere-se às ações encetadas pelas figuras parentais (pais/mães ou substitutos), junto dos filhos, no sentido de promover o seu desenvolvimento da forma mais plena possível, utilizando para tal os recursos de que dispõe dentro da família e, fora dela, na comunidade (Cruz, 2005). Se os pais/mães souberem exercer positivamente as suas funções, é muito provável que a criança ou jovem se desenvolva de uma forma saudável, pois cabe aos pais proporcionar cuidados e atenção regular às suas crianças. Com efeito, a família é o mais importante contexto interpessoal para o desenvolvimento humano, tendo as relações familiares uma influência significativa sobre o desenvolvimento, qualidade de vida e bem-estar da criança (Chen et al., 2017).

A qualidade de vida é definida por alguns autores como sinónimo de saúde, enquanto outros consideram este conceito mais abrangente, incluindo outras dimensões (Post, 2014). De uma forma geral, "a qualidade de vida é uma condição eminentemente humana, que tem sido aproximada ao grau de satisfação encontrado na vida familiar, amorosa, social e ambiental" (Minayo et al., 2000, p.8). Um conceito em estreita ligação com o de qualidade de vida é o de bem-estar, que inclui a dimensão física, emocional e social. A noção de bem-estar é subjetiva, cada pessoa é diferente e tem necessidades distintas, o que é bom para uns, pode não ser para outros. Gasper (2004, p.2) menciona que "bem-estar se refere ao estado dos indivíduos que estão bem". O bem-estar das crianças é hoje uma preocupação constante no discurso público e em debates políticos por todo o mundo.

Guevara et al. (2021) referem que existe uma relação entre os fatores familiares e a saúde, qualidade de vida e bem-estar, das crianças e dos adolescentes, pois aspetos do funcionamento ou disfuncionamento familiar podem ter um impacto significativo nestas dimensões. Contextos escolares e amigos são, igualmente, importantes, no desenvolvimento das crianças e jovens, influenciando assim a sua qualidade de vida e bem-estar (Holder & Coleman, 2015). Os estudos no âmbito do bem-estar em crianças são recentes e devem focar-se, também, na relação entre as variáveis intrapessoais (ex.: autoconceito, autoestima) e as sociodemográficas (género, idade e estatuto socioeconómico), sendo que estas últimas tendem a contribuir apenas moderadamente para o bem-estar (Gregory et al., 2021).

As práticas educativas utilizadas pelos pais/mães, como suporte emocional, interesse, gestão de conflitos ou restrição de autonomia, influenciam o comportamento da

criança/adolescente que, por sua vez, irá influenciar a sua autoestima (Pérez-Fuentes et al., 2019). Com efeito, a funcionalidade familiar pode ajudar a construir sentimentos de competência e valor que irão contribuir para uma autoestima positiva (Dias, 2013; Krauss et al., 2020), essencial para o desenvolvimento das crianças, no âmbito do bem-estar e qualidade de vida. É através da aceitação, disciplina, saber ouvir e estabelecer limites no comportamento, que os pais participam na construção de uma forte autoestima, sendo esta um importante contributo para as crianças enfrentarem desafios, resistirem à frustração e se proporem à realização de tarefas (El-Keshky & Samak, 2017; Lucca, 2004). As estratégias de *coping*, a orientação positiva para a vida, o suporte social, o autoconceito e a educação parental, são fatores de relevo que influenciam a qualidade de vida em crianças e adolescentes (Gaspar et al., 2006; Guevara et al., 2021).

O estilo parental autoritativo/democrático é aquele que apresenta, nos estudos publicados, as médias mais elevadas de otimismo nas crianças/adolescentes, contrariamente ao negligente (Özpehriz, 2020). Com efeito, as crianças que vêm os seus pais/mães como exigentes e responsáveis, são aquelas que mostram mais otimismo. Esta relação pode explicar-se pelo facto dos pais/mães autoritativos saberem definir limites e regras como também compreender os filhos, explicando os porquês e envolvendo-se nas suas vidas, ensinando assim quais são as regras e limites para obter sucesso (Sarwar, 2016; Weber et al., 2003). Bowlby (1973) aponta que um ambiente familiar que seja caracterizado por um controlo ou superproteção em excesso, está associado a diversos problemas, como a ansiedade. Aliás, Platt et al. (2016) referem que, quando a família apresenta um envolvimento negativo, aumenta o nível de ansiedade dos filhos. Estas famílias normalmente são compostas por pais/mães controladores e dominadores impondo orientações parentais aos filhos, os quais, por sua vez, se sentem culpados quando não conseguem. Por outro lado, um estilo educativo parental caracterizado por afeto e suporte tornará mais provável que a criança se relacione com uma vinculação segura, associada a um estilo parental onde existe sensibilidade, afeto, responsividade e suporte às necessidades da criança.

Como vimos, a parentalidade apresenta um impacto de relevo em variáveis relacionadas com a qualidade de vida e bem-estar, como o otimismo, a ansiedade, a vinculação, entre outras. Dias (2013) mostra-nos que maior suporte emocional, tanto da mãe como do pai, se associa a melhor perceção da qualidade de vida no domínio psicológico dos filhos, o mesmo acontecendo entre o suporte emocional da mãe e o domínio físico da qualidade de vida. Por outro lado, maior sobre proteção do pai implica menor perceção da qualidade de vida no domínio físico dos filhos. Morris et al. (2017) evidenciam, também, a influência dos estilos educativos parentais nas emoções dos filhos. Olaimat et al. (2018) salientam que pais/mães que ignoram frequentemente os filhos, executam uma disciplina rigorosa e estabelecem má comunicação, irão desenvolver neles menores

índices de inteligência emocional, com repercussões na eficácia da resposta aos problemas, desde idades precoces. Na medida em que a inteligência emocional permite sobrevalorizar os aspetos positivos, estabelecer um equilíbrio entre a tolerância e a exigência, reconhecer, exprimir e controlar sentimentos e emoções, bem como cultivar a autoestima, a motivação e o interesse pelos outros, está positivamente relacionada com a qualidade de vida e bem-estar nos mais jovens (Wapano, 2021).

Método

Os autores utilizaram uma metodologia quantitativa não experimental (estudo exploratório), com uma amostra de conveniência. Não obstante a importância das metodologias qualitativas no estudo da temática em apreço, pareceu-nos pertinente, numa dimensão exploratória, apreciar aspetos de natureza comum permitidos por estudos quantitativos, designadamente as relações entre os estilos educativos parentais e dimensões da qualidade de vida. O tratamento dos dados foi efetuado no SPSS 27, com recurso a estatística descritiva e inferencial ($p \leq .05$) não paramétrica (testes de Mann-Whitney e *Rho* de Spearman), atendendo às características da amostra e variáveis em estudo. Efetuou-se uma análise prévia do índice de fiabilidade (alfa de *Cronbach*) para todas as escalas utilizadas.

Participantes

Participaram 30 crianças/adolescentes da região Centro, 57% do género feminino, com idade média de 10.37 ± 3.12 anos, resultante de duas subamostras selecionadas por conveniência (7-12 e 13-16 anos).

Instrumentos

As versões portuguesas (Ferreira et al., 2006) do KID-KINDL (crianças) e KIDDO-KINDL (adolescentes) permitiram avaliar o bem-estar emocional e a autoestima, enquanto componentes da qualidade de vida relacionada com a saúde. Estes instrumentos possibilitam, ainda, a avaliação de mais quatro dimensões: bem-estar físico, autoestima, família, amigos e escola. As pontuações totais e por subescala são apresentadas numa escala de orientação positiva de 0 (pior qualidade de vida) a 100 (melhor). Cada subescala inclui quatro itens respondidos numa escala de Likert de 1 a 5 (1- nunca, 2 - raramente, 3- às vezes, 4 - frequentemente e 5 - sempre). Nos estudos originais, estes

instrumentos apresentaram boas características de validade e fidelidade (Ferreira et al., 2006), com valores de alfa de *Cronbach* de .82 (crianças) e .81 (adolescentes).

O Egn Minnen Bertraffande Uppfostran - Children version (EMBU-C) e o Egn Minnen Bertraffande Uppfostran - Adolescent version (EMBU-A), versões portuguesas de Canavarro e Pereira (2007) e Lacerda (2005), respetivamente, avaliam perceções de crianças e adolescentes sobre os estilos educativos dos seus progenitores. A versão para as crianças inclui 32 itens (respondidos em relação ao pai e à mãe), avaliados numa escala tipo Likert de quatro pontos (“não, nunca” a “sim, sempre”), organizados em três dimensões: i) suporte emocional (14 itens) – disponibilidade afetiva e física dos pais/mães, comunicação de afetos e comportamentos que manifestam aceitação da criança, incluindo práticas parentais que encorajam o filho a sentir-se bem na presença dos pais/mães, reforçando a ideia de que é valorizado como pessoa, através de aprovação, encorajamento, ajuda, compreensão, expressão verbal e física, de amor e carinho; ii) rejeição (8 itens) – hostilidade física e verbal e comportamentos de rejeição, incluindo comportamentos parentais que visam modificar o comportamento dos filhos que, por sua vez, se sentem pressionados a comportarem-se de acordo com o desejo dos pais/mães; e iii) tentativa de controlo (10 itens) – comportamentos que têm por objetivo o controlo do comportamento da criança, adesão do comportamento da criança às expectativas dos pais/mães, com recurso até a estratégias de indução de culpa e comportamentos de sobreproteção. A versão para adolescentes tem 48 itens, também organizados em 3 dimensões, as duas primeiras iguais ao EMBU-C, sendo que a terceira se refere à sobreproteção (definida por Conceição (2012) como proteção excessiva em relação a experiências indutoras de *stress* e adversidade). Os estudos dos autores evidenciam boas qualidades psicométricas destes dois instrumentos, incluindo coeficientes de *Cronbach* entre .62 e .85, para o EMBU-C e entre .73 e .94, para o EMBU-A.

Os valores de alfa de *Cronbach* encontrados nesta amostra consideram-se satisfatórios e próximos dos obtidos na aferição para a população portuguesa (Tabela 1), à exceção do EMBU-A, ainda que Lacerda (2005) se tenha referido a variações entre .24 e .92.

Tabela 1. Valor de fiabilidade (alfa de *Cronbach*) - para as escalas utilizadas.

Escala	Alfa de Cronbach	Nº. itens
KID-KINDL/KIDDO-KINDL	.78	24
EMBU-C	.81	32
EMBU-A	.39	48

Fonte: própria.

Procedimento

A utilização dos instrumentos teve a autorização dos autores, e a recolha de dados obedeceu à assinatura do consentimento informado por parte dos encarregados de educação, assegurando-se, desta forma, os cuidados éticos inerentes a qualquer processo de investigação. As crianças/adolescentes preencheram os instrumentos com o apoio dos investigadores, num processo que ocorreu em momento pré-pandemia.

Resultados e discussão

Na amostra global, no que respeita às dimensões do KID-KINDL (crianças) e KIDDO-KINDL (adolescentes), verificaram-se níveis adequados de bem-estar emocional (17.53 ± 2.47) e autoestima (14.40 ± 4.15), atendendo a um máximo de 20 pontos da escala (Tabela 2), destacando-se, contudo, melhores resultados no grupo de crianças, à semelhança de outros estudos (Ferreira et al., 2006; Magalhães, 2012). Assim sendo, trata-se de uma amostra em que estão presentes condições estruturantes da qualidade de vida e bem-estar, eventualmente alicerçadas numa parentalidade positiva.

Tabela 2. Estatística descritiva – Bem-estar emocional e Autoestima, por grupo etário

		N	Mín.	Máx.	M	DP
7-12 anos	Bem-estar emocional	20	12	20	18.00	2.59
	Autoestima	20	10	20	16.20	3.15
13-16 anos	Bem-estar emocional	10	13	20	16.60	2.01
	Autoestima	10	5	15	10.80	3.61

Fonte: própria.

No que se refere aos estilos parentais, no grupo de crianças registaram-se resultados mais elevados nas três dimensões que integram o EMBU-C (suporte emocional, rejeição e tentativa de controlo), por parte das mães (Tabela 3). Nos adolescentes (EMBU-A) verificou-se, igualmente, superioridade nos valores relativos às mães, exceto no suporte emocional (Tabela 4). Resultados semelhantes, superiores nas mães, foram encontrados por Gomes (2019), nomeadamente no que se refere aos estilos autoritário e permissivo. Com efeito, parece subsistir um importante efeito dos papéis de género que culturalmente ainda vigoram (Garcia & Guzman, 2017), onde as mães assumem preponderância nos cuidados com as crianças. Na adolescência, maior autonomia relativamente às mães favorece o protagonismo dos pais nas perceções sobre o suporte emocional.

Tabela 3. Estatística descritiva – EMBU-C.

	N	Mín.	Máx.	M	DP
Suporte emocional (pai)	18	14	54	45.16	9.83
Rejeição (pai)	18	8	20	11.83	3.24
Tentativa de controlo (pai)	18	10	34	24.55	5.69
Suporte emocional (mãe)	19	35	54	47.47	5.36
Rejeição (mãe)	19	9	20	12.42	3.28
Tentativa de controlo (mãe)	19	21	36	27.00	4.38

Fonte: própria.

Tabela 4. Estatística descritiva – EMBU-A.

	N	Mín.	Máx.	M	DP
Suporte emocional (pai)	10	17	66	31.60	16.76
Rejeição (pai)	10	10	20	15.10	3.07
Sobreproteção (pai)	10	10	25	17.40	4.85
Suporte emocional (mãe)	10	19	52	26.40	10.54
Rejeição (mãe)	10	38	44	41.40	2.11
Sobreproteção (mãe)	10	18	32	23.50	5.03

Fonte: própria.

A rejeição mostrou-se negativamente correlacionada com a autoestima ($r_s = -.582$, $p = .011$ pai e $r_s = -.509$, $p = .026$ mãe) e com o bem-estar emocional ($r_s = -.597$ $p = .009$ pai e $r_s = -.715$, $p = .001$ mãe) das crianças, tal como Reboredo (2019), sendo que o suporte emocional da mãe se revelou significativo nesta última ($r_s = .464$, $p = .045$). Aliás, o papel das mães no suporte emocional é evidente em vários estudos, destacando-se o de Ravindran et al. (2017) que reporta evidência do seu efeito no bem-estar emocional das crianças. Destaca-se o impacto negativo da rejeição na QV ($r_s = -.688$, $p = .002$ pai e $r_s = -.806$, $p = .000$ mãe), das crianças (em linha com os resultados de Khaleque et al., em 2019), positivamente correlacionada com o suporte emocional ($r_s = .480$, $p = .044$ pai e $r_s = .611$, $p = .005$ mãe). Não se verificaram correlações significativas nos adolescentes, que apresentaram, contudo, níveis inferiores de autoestima, por contraste com o grupo de crianças ($p = .000$). Com efeito a adolescência é uma etapa caracterizada por inúmeras alterações físicas e socioemocionais com impacto na autoestima, incluindo os efeitos da satisfação com a imagem corporal (Ajmal &

Qurat-Ul-Ain, 2019), entre outras variáveis que não se revelam significativas em fases mais precoces do desenvolvimento.

Conclusões

Este estudo realça níveis adequados de bem-estar emocional entre os participantes, mas melhores resultados no grupo de crianças, que também se superiorizam aos adolescentes em termos de autoestima. As mães apresentam um papel de destaque no que respeita à influência dos estilos parentais. Com efeito, a metodologia quantitativa revelou-se fundamental na identificação de padrões que sustentam uma intervenção diferenciada, na medida em que permitiu distinguir autopercepções de crianças e jovens sobre os estilos parentais.

Sendo o exercício da parentalidade uma tarefa complexa, é fundamental que os pais/mães potenciem as suas competências e promovam práticas educativas parentais positivas. Para além da satisfação das necessidades básicas de sobrevivência e saúde, é também importante que os pais/mães proporcionem aos seus filhos o contacto com um mundo físico e social seguro e que satisfaçam, igualmente, as necessidades de afeto e confiança, promovendo assim a sua qualidade de vida e bem-estar (Silva & Esteves, 2012).

Destaca-se o papel da educação parental na promoção do desenvolvimento emocional, mas é importante desenvolver esforços que impliquem pais e mães, atenuando barreiras culturais ainda enraizadas no que respeita à hipervalorização do papel das mães (Santos et al., 2022). É, igualmente, importante, não descuidar a atenção nos adolescentes, cujos níveis de bem-estar emocional e autoestima poderão estar mais afetados pelos desafios desenvolvimentais relacionados com aumento da vulnerabilidade ao sofrimento nos jovens (Ramos, 2017), ao mesmo tempo que os pais/mães podem diminuir níveis de vigilância e preocupação fundados numa maior autonomia percebida (Benedetto & Ingrassia, 2017), mas necessária. Em Portugal, existem Programas de Educação Parental validados e aferidos, bastando intensificar a formação de técnicos que os possam implementar, nomeadamente em contexto escolar. Este estudo merece aprofundamento com uma amostra mais alargada, por forma a consolidar os resultados e explorar outras dimensões de relevo, ainda que em linha de continuidade com trabalhos nacionais e internacionais de natureza quantitativa e amostras com maior expressão.

Referências bibliográficas

- Ajmal, A., & Qurat-Ul-Ain. (2019). The impact of body image on self-esteem in adolescents. *Clinical and Counselling Psychology Review*, 1. <https://doi.org/10.32350/ccpr.11.04>
- Al Ubaidi, B. A. (2017). Cost of growing up in dysfunctional family. *Journal of Family Medicine and Disease Prevention*, 3(3), 059. <https://doi.org/10.23937/2469-5793/1510059>
- Anderson J. (2014). The impact of family structure on the health of children: Effects of divorce. *The Linacre Quarterly*, 81(4), 378–387. <https://doi.org/10.1179/0024363914Z.00000000087>
- Arsénio, C. (2012). *Paternidade na infância: Envolvimento paterno e estilos parentais educativos em pais de crianças em idade escolar* [Dissertação de mestrado, Universidade de Lisboa]. Repositório da Universidade de Lisboa. http://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/8180/1/ulfpie043206_tm.pdf
- Bastais, K., Ponnet, K., Van Peer, C., & Mortelmans, D. (2014). The parenting of divorced fathers and their predictors. *Journal of Social and Personal Relationships*, 32, 1-23. <https://doi.org/10.1177/0265407514541070>
- Baumrind, D. (1996). Effects of authoritative parental control on child behavior. *Child Development*, 37(4), 887-907. http://arowe.pbworks.com/f/baumrind_1966_parenting.pdf
- Bee, M. A. (2017). *The relationship between parenting styles and self-esteem for successive generations*. http://scholarworks.bellarmino.edu/ugrad_theses/19
- Bem, L. A., & Wagner, A. (2006). Reflexões sobre a construção da parentalidade e o uso de estratégias educativas em famílias de baixo nível socioeconómico. *Psicologia em Estudo*, 11, (1), 63-71. <https://doi.org/10.1590/S1413-73722006000100008>
- Benedetto, L., & Ingrassia, M. (2017). *Parental Self-efficacy in Promoting Children Care and Parenting Quality*. IntechOpen Book. <https://doi.org/10.5772/intechopen.68933>
- Bowlby, J. (1973). *Attachment and loss. Vol. 2: Separation: anxiety and anger*. Basic Books.
- Cai, T., Verze, P., & Johansen, T. (2021). The quality of life definition: Where are we going? *Uro*, 1, 14–22. <https://doi.org/10.3390/uro1010003>
- Canavarro, M., & Pereira, A. (2007). A percepção dos filhos sobre os estilos educativos parentais: A versão portuguesa do EMBU-C. *Revista Ibero-Americana de Diagnóstico e Avaliação Psicológica*, 24(2), 193 – 210. http://www.aidep.org/03_ridep/R24/R2410.pdf
- Ceballos E., & Rodrigo, M. J. (2003). Las metas y estrategias de socialización entre padres e hijos. In M. J. Rodrigo & J. Palacios (Coord.), *Familia y desarrollo humano* (4a ed.) (pp. 225-244). Alianza Editorial.
- Chen, E., Brody, G. H., & Miller, G. E. (2017). Childhood close family relationships and health. *The American Psychologist*, 72(6), 555–566. <https://doi.org/10.1037/amp0000067>
- Child Welfare Information Gateway. (2019). *Parent education to strengthen families and reduce the risk of maltreatment*. U.S. Department of Health and Human Services, Children’s Bureau. <https://www.childwelfare.gov/pubpdfs/parented.pdf>
- Comissão Nacional de Promoção dos Direitos e Proteção das Crianças e Jovens. (2022). *Relatório Anual de Avaliação da Atividade das CPCJ*. <https://www.cnpdpcj.gov.pt/documents/10182/16406/Relat%C3%B3rio+Anual+da+Atividade+das+CPCJ+do+ano+2021/aba29f21-787d-41fc-8ee8-76d5efa82855>
- Conceição, L. (2012). *Estilos educativos parentais (EMBU-A), sintomatologia depressiva/ansiosa, stress e autoestima, numa amostra de adolescentes* [Dissertação de mestrado, ISMT].

- Repositório do ISNT.
<http://repositorio.ismt.pt/bitstream/123456789/276/1/Tese%20mestrado.pdf>
- Cruz, O. (2005). *Parentalidade*. Quarteto.
- De Goede, I. H.A., Branje, S. J.T., & Meeus, W. H.J. (2009). Developmental changes and gender differences in adolescents' perceptions of friendships. *Journal of Adolescence*, 32(5), 1105–1123. <https://doi.org/10.1016/j.adolescence.2009.03.002>
- Dias, A. (2013). *Práticas educativas parentais: Influência no desempenho académico, qualidade de vida e autoestima de estudantes do ensino secundário* [Dissertação de mestrado, Universidade Portucalense]. Repositório da Universidade Portucalense. <http://repositorio.uportu.pt/jspui/bitstream/11328/153/2/TMPS%2013.pdf>
- Estlein, R., & Theiss, J. (2020). Responsiveness and control in marital and parental communication: Exploring interdependent relationships across family subsystems, *Journal of Family Studies*. <https://doi.org/10.1080/13229400.2020.1773294>
- Fallon, B., Filippelli, J., Joh-Carnella, N., Milne, E., & Carradine, J. (2018). Promoting protective factors in environments of risk for young children: An organizing framework for practice, policy, and research. *Gender and the Genome*, 96–110. <https://doi.org/10.1177/2470289718820843>
- Farzand, M., Çerkez, Y., & Çavuşoğlu, Ç. (2017). Empirical studies on parenting styles: A trend analysis. *International Journal of Educational Sciences*, 19, 152–158. <https://doi.org/10.1080/09751122.2017.1393959>
- Ferrari, J. (2015). *Papel dos pais na educação: A dimensão emocional da formação*. <http://www.brasilecola.com/psicologia/papel-dos-pais-na-educacao.htm>
- Ferreira, P., Almeida, M., Pisco, M., & Cavalheiro, L. (2006). Qualidade de vida de crianças e adolescentes. Adaptação cultural e validação da versão portuguesa do KINDL. *Acta Pediátrica Portuguesa*, 37(4), 125-44. <http://actapediatrica.spp.pt/article/view/4790/3593>
- Fundo das Nações Unidas para a Infância. (UNICEF). (1989). *A Convenção sobre os direitos da criança*. <https://www.unicef.pt/actualidade/publicacoes/0-a-convencao-sobre-os-direitos-da-crianca/>
- Garcia, A., & Guzman, M. (2017). Parenting styles, gender differences in. In K. Nadal (Ed.), *The SAGE Encyclopedia of Psychology and Gender* (pp. 1276-1278). SAGE Publications, Inc. <https://doi.org/10.13140/RG.2.2.15436.31364>
- Garcia, Q. P., & Santiago, A.B. (2017). Parenting styles as correlates to self-esteem of underprivileged adolescents: Basis for a proposed parenting skills program. *International Journal of Advanced Education and Research*, 2(5), 27- 35.
- Gaspar, T., & Matos, M. (2008). *Qualidade de vida em crianças e adolescentes - Versão portuguesa dos instrumentos Kidscreen-52*. <http://www.fmh.utl.pt/aventurasocial/pdf/Qualidade.de.Vida.KIDSCREEN.pdf>
- Gaspar, T., & Matos, M. (2017). Parenting practices: Parent's perception of the impact in children psychological wellbeing. *Journal of Family Medicine*, 1(1), 1008-1014. https://www.researchgate.net/publication/321624728_Parenting_Practices_Parent's_Perception_of_the_Impact_in_Children_Psychological_Wellbeing
- Gaspar, T., Matos, M., Ribeiro, J., & Leal, I. (2006). Qualidade de vida e bem-estar em crianças e adolescentes. *Revista Brasileira de Terapias Cognitivas*, 2(2), 47-60. http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S180856872006000200005&script=sci_arttext

- Gaspar, D. (2007). Human well-being: Concepts and conceptualizations. In M. McGillivray (Ed.), *Human well-being. Studies in development economics and Policy*. Palgrave Macmillan. https://doi.org/10.1057/9780230625600_2
- Gomes, C. (2019). Ajustamento conjugal, estilos parentais e ajustamento da criança [Dissertação de Mestrado, Universidade Autónoma de Lisboa]. Repositório da UAL. <https://repositorio.ual.pt/bitstream/11144/4280/1/Ajustamento%20Conjugal%20Estilos%20Parentais%20e%20Ajustamento%20da%20Crian%ca%7a.pdf>
- Gomes, M. (2010). *(Des)Complexificando os estilos parentais – com pais casados e pais divorciados/separados* [Dissertação de Mestrado, Faculdade de Psicologia da Universidade de Lisboa]. Repositório Universidade do Algarve. http://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/2499/1/ulfp035810_tm.pdf
- Granja, M., & Mota, C. (2018). Estilos parentais, adaptação académica e bem-estar psicológico em jovens adultos. *Análise Psicológica*, 3(XXXVI), 311-326.
- Gregory, T., Sincovich, A., Brushe, M., Finlay-Jones, A., Collier, L. R., Grace, B., Sechague, Monroy N., & Brinkman, S. A. (2021). Basic epidemiology of wellbeing among children and adolescents: A cross-sectional population level study. *Population Health*, 26(15), e-100907. doi: 10.1016/j.ssmph.2021.100907
- Guerreiro, A. (2013). *O papel das práticas parentais no desenvolvimento e no bem-estar subjetivo da criança* [Dissertação de mestrado, Universidade do Algarve]. Repositório da Universidade do Algarve. http://sapiencia.ualg.pt/bitstream/10400.1/3693/1/Disserta%C3%A7%C3%A3o_Ana%20Guerreiro.pdf
- Guevara, R. M., Moral-García, J. E., Urchaga, J. D., & López-García, S. (2021). Relevant Factors in Adolescent Well-Being: Family and Parental Relationships. *International journal of environmental research and public health*, 18(14), 7666. <https://doi.org/10.3390/ijerph18147666>
- Hadjicharalambous, D., & Demetriou, L. (2020). The relationship between parents' demographic factors and parenting styles: Effects on children's psychological adjustment. *Psychology Research*, 10(4), 125–139. <https://doi.org/10.17265/2159-5542/2020.04.001>
- Hoffman, M. L. (1975). Moral internalization, parental power, and the nature of parent-child interaction. *Developmental Psychology*, 11, 228-239.
- Holder, M., & Coleman, B. (2015). Children's friendships and positive well-being. *Friendship and Happiness: Across The Life-Span and Cultures*, 81–94. https://doi.org/10.1007/978-94-017-9603-3_5
- Kamers, M. (2006). As novas configurações da família e o estatuto simbólico das funções parentais. *Estilos Clínicos*, 11(2), 108-125. <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/estic/v11n21/v11n21a08.pdf>
- Khaleque, A., Uddin, M., Hossain, K., Siddique, N., & Shirin, A. (2019). Perceived parental acceptance–rejection in childhood predict psychological adjustment and rejection sensitivity in adulthood. *Psychological Studies*, 64. <https://doi.org/10.1007/s12646-019-00508-z>
- Krauss, S., Orth, U., & Robins, R. (2020). Family environment and self-esteem development: A longitudinal study from age 10 to 16. *Journal of Personality and Social Psychology*, 119, 457–478. <https://doi.org/10.1037/pspp0000263>

- Kuppens, S., & Ceulemans, E. (2019). Parenting styles: A closer look at a well-known concept. *Journal of Child and Family Studies, 28*(1), 168–181. <https://doi.org/10.1007/s10826-018-1242-x>
- Lacerda, M. I. M. C. (2005). A percepção das práticas parentais pelos adolescentes: Implicações na percepção de controlo e nas estratégias de coping [Dissertação de Mestrado, Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação – Universidade de Lisboa]. Repositório da Universidade de Lisboa. http://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/726/3/17427_Tese_Finalissima.pdf
- Lawrenz, P., Zeni, L., Arnoud, T, Foschiera, L., & Habigzang, L. (2020). Estilos, práticas ou habilidades parentais: Como diferenciá-los? *Revista Brasileira de Terapias Cognitivas, 16*(1), 2-9. <https://doi.org/10.5935/1808-5687.20200002>
- Levesque, S., Bisson, V., Charton, L., & Fernet, M. (2020). Parenting and relational well-being during the transition to parenthood: Challenges for first-time parents. *Journal of Child and Family Studies, 29*, 1938–1956. <https://doi.org/10.1007/s10826-020-01727-z>
- Lima, I., Alarcão, M., Almeida, A., Brandão, M., Cruz, A., Gaspar, M., & Santos, M. (2010). *Avaliação de intervenções de educação parental*. http://www.cnpcjr.pt/preview_documentos.asp?r=3496&m=PDF
- Lucca, E. (2004). *Habilidade social: Uma questão de qualidade de vida*. <http://www.psicologia.pt/artigos/textos/A0224.pdf>
- Maccobi, E., & Martin, J. (1983). *Handbook of child psychology: Socialization, personality and social development*. Wiley Ed.
- Magalhães, B. (2012). *Avaliação das práticas educativas parentais em famílias negligentes e/ou abusivas* [Dissertação de Mestrado, Universidade de Coimbra]. Repositório da Universidade de Coimbra. <https://estudogeral.sib.uc.pt/bitstream/10316/22523/1/Avalia%C3%A7%C3%A3o%20das%20pr%C3%A1ticas%20educativas%20parentais%20em%20fam%C3%ADlias%20negl.pdf>
- Marques, T., Pereira, A., & Barros, L. (2017, agosto 3-6). *Preliminary evaluation of the ACT Raising Safe Kids Program in Portugal*. 125th American Psychological Association Annual Convention, Universidade de Lisboa.
- Minayo, M., Hartz, Z., & Buss, P. (2000). Qualidade de vida e saúde: Um debate necessário. *Ciência & Saúde Coletiva, 5*(1), 7-18. <http://www.scielo.org/pdf/csc/v5n1/7075.pdf>
- Morris, A., Criss, M., Silk, J., & Houlberg, B. (2017). The impact of parenting on emotion regulation during childhood and adolescence. *Child Development Perspectives, 0*(0), 1-6. <https://thethrivecenter.org/wp-content/uploads/2018/08/The-Impact-of-Parenting-on-Emotion-Regulation-During-Childhood-Adolescence-Houlberg.pdf>
- National Academies of Sciences, Engineering & Medicine. (2016). *Parenting matters: Supporting parents of children ages 0-8*. The National Academies Press. <https://doi.org/10.17226/21868>
- Olaimat, A., Adheisat, M., & Alomyan, H. (2018). The relationship between parenting styles and emotional intelligence of kindergarten children. *Early Child Development and Care, 190*, 1–11. <https://doi.org/10.1080/03004430.2018.1479403>
- Özpehriz, H. S. (2020). Positive prevention theory: The investigation of parenting styles as a predictor of optimism. *Research on Education and Psychology, 4*(1), 114-132. <https://dergipark.org.tr/en/download/article-file/1168002>

- Pannilage, U. (2017). Impact of family on children's wellbeing. *Journal of Sociology and Social Work*, 5(1), <https://doi.org/149-158.10.15640/jssw.v5n1a15>
- Pérez-Fuentes, M., Molero Jurado, M. D. M., Jurado, M., Jesús, J., Linares, G., Fátima, N., Oropesa Ruiz, N. F., Márquez, S., & Saracostti, M. (2019). Parenting practices, life satisfaction, and the role of self-esteem in adolescents. *International Journal of Environmental Research and Public Health*, 16. <https://doi.org/10.3390/ijerph16204045>
- Platt, R., Williams, S. R., & Ginsburg, G. S. (2016). Stressful Life Events and Child Anxiety: Examining Parent and Child Mediators. *Child psychiatry and human development*, 47(1), 23–34. <https://doi.org/10.1007/s10578-015-0540-4>
- Post, M. W. (2014). Definitions of quality of life: What has happened and how to move on. *Topics in spinal cord injury rehabilitation*, 20(3), 167–180. <https://doi.org/10.1310/sci2003-167>
- Ramos, M. (2017). *Autoestima, autocompaixão e bem-estar psicológico na adolescência*. [Dissertação de Mestrado, Universidade de Lisboa]. Repositório da Universidade de Lisboa. https://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/32861/1/ulfpie049132_tm.pdf
- Ravindran, N., McElwain, N., Berry, D., & Kramer, L. (2017). Mothers' dispositional distress reactivity as a predictor of maternal support following momentary fluctuations in children's aversive behavior. *Developmental Psychology*, <https://doi.org/10.1037/dev0000418>
- Reboredo, A. (2019). A relação entre a aceitação/rejeição parental, o ajustamento psicológico, o autoconceito académico, a motivação para a aprendizagem e o desempenho académico do adolescente [Dissertação de Mestrado, ISPA]. Repositório do ISPA. <https://repositorio.ispa.pt/bitstream/10400.12/7472/1/TEs%20REBO-1.pdf>
- Reis, V. (2009). *Crianças e jovens em risco: Contributos para a organização de critérios de avaliação de factores de risco*. <https://eg.sib.uc.pt/bitstream/10316/11781/1/tese%20versao%20reformulada%20final2.pdf>
- Rodrigues, S. (2008). *Impacto da vitimação infantil: Avaliação do ajustamento global em crianças maltratadas* [Dissertação de mestrado, Universidade do Porto]. Repositório da Universidade do Porto. <https://repositorioaberto.up.pt/bitstream/10216/22425/4/DiseertaoMestradopdf.pdf>
- Sampaio, I. (2007). Práticas educativas parentais, gênero e ordem de nascimento dos filhos: atualização. *Revista Brasileira Crescimento Desenvolvimento Humano*, 17(2), 144-152. <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/rbcdh/v17n2/15.pdf>
- Santos, C., Silva, J., Faria, J., Santos, J., Teixeira, M., & Batista, N. (2022). Reflexões sobre envolvimento paterno na educação infantil brasileira: Revisão narrativa de literatura. *Revista de Psicologia, Educação e Cultura*, 26(1), 80-92. <http://pec.ispgaya.pt/edicoes/2022/PEC2022N1/mobile/index.html#p=2>
- Sarwar, S. (2016). Influence of parenting style on children's behaviour. *Journal of Education and Educational Development*, 3(2), 222-249. <https://files.eric.ed.gov/fulltext/EJ1161470.pdf>
- Silva, A. P., & Esteves, J. (2012). *Parentalidade positiva*. Cesis – Centro de Estudos para a Intervenção Social.
- Soares, S. (2012). *Estilos parentais: Percepções entre pais e filhos* [Dissertação de Mestrado, ISPA]. Repositório do ISPA. <http://repositorio.ispa.pt/bitstream/10400.12/2586/1/14064.pdf>
- Soares, D., & Almeida, L. (2011). *Percepção dos estilos educativos parentais: Sua variação ao longo da adolescência* [Dissertação de Mestrado, Universidade do Minho]. Repositório da Universidade do Minho.

https://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/15346/1/Percep%C3%A7%C3%A3o%20dos%20estilos%20educativos%20parentais_sua%20varia%C3%A7%C3%A3o%20ao%20longo%20da%20adolesc%C3%Aancia.pdf

- Soenens, B., Deci, E. L., & Vansteenkiste, M. (2017). How parents contribute to children's psychological health: The critical role of psychological need support. In L. Wehmeyer, T. D. Little, S. J. Lopez, K. A. Shogren, & R. Ryan (Eds.), *Development of self-determination through the life-course* (pp. 171-187). Springer.
- Spruijt, A., Dekker, M., Ziermans, T., & Swaab, H. (2019). Educating parents to improve parent-child interactions: Fostering the development of attentional control and executive functioning. *British Journal of Educational Psychology*. <https://doi.org/10.1111/bjep.12312>
- The Alliance for Child Protection in Humanitarian Action. (2021). *Identifying and Ranking Risk and Protective Factors: A Brief Guide*. https://alliancecpha.org/en/system/tdf/library/attachments/identifying_risk_and_protective_factors_a_brief_guide.pdf?file=1&type=node&id=44641
- Ulferts, H. (2020). *Why parenting matters for children in the 21st century: An evidence-based framework for understanding parenting and its impact on child development*. OECD Education Working Papers No. 222. OECD Publishing. <https://doi.org/10.1787/129a1a59-en>
- Vafaeenejad, Z., Elyasi, F., Moosazadeh, M., & Shahhosseini, Z. (2019). Psychological factors contributing to parenting styles: A systematic review. *F1000Research*, 7, 906. <https://doi.org/10.12688/f1000research.14978.2>
- Vyas, K., & Bano, S. (2016). Child's Gender and Parenting Styles. *Delhi Psychiatry Journal*, 19, 289-293. https://www.researchgate.net/publication/311970977_Child's_Gender_and_Parenting_Styles
- Wapano, M. R. (2021). Emotional Intelligence and Mental Health among Adolescents. *International Journal of Research and Innovation in Social Science*, 05, 467-481. <https://doi.org/10.47772/IJRISS.2021.5528>
- Weber, L., Brandenburg, O., & Viezzer, A. (2003). A relação entre o estilo parental e o otimismo da criança. *Psico-USF*, 8(1), 71-79. <http://www.scielo.br/pdf/pusf/v8n1/v8n1a10.pdf>
- Weber, L., Prado, P., Viezzer, A., & Brandenburg, O. (2004). Identificação de estilos parentais: O ponto de vista dos pais e dos filhos. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 17(3), 323-331. <http://www.scielo.br/pdf/prc/v17n3/a05v17n3.pdf>

Nota final: artigo do trabalho original de Ferreira, C. (2016). *Estilos parentais e qualidade de vida em crianças e jovens* [Projeto Final de Mestrado, Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Viseu]. Repositório do IPV. <https://repositorio.ipv.pt/handle/10400.19/4495>

PARENTAL EDUCATIONAL STYLES, EMOTIONAL WELL-BEING AND SELF-ESTEEM IN CHILDREN AND ADOLESCENTS

Abstract

The quality of parental care is crucial for children's emotional development. An exploratory study of the relationship between parenting styles (rejection, emotional support and control) and dimensions of QoL (emotional well-being and self-esteem) was carried out in a convenience sample of 30 children/adolescents. Data collected with KID and KIDDO-KINDL and EMBU-A and C and processed in SPSS 27 allow highlighting, in the children subsample: rejection negatively correlated with self-esteem ($r_s = -.582$, $p = .011$ father and $r_s = -.509$, $p = .026$ mother) and emotional well-being ($r_s = -.597$, $p = .009$ father and $r_s = -.715$, $p = .001$ mother); negative impact of rejection on QL ($r_s = -.688$, $p = .002$ father and $r_s = -.806$, $p = .000$ mother), the latter correlated with emotional support ($r_s = .480$, $p = .044$ father and $r_s = .611$, $p = .005$ mother). Parental Education Programs assume prominence.

Keywords: parenting styles; emotional well-being; self esteem; children/adolescents.